

O Boquet d'Angeja

(SEMANARIO)

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1500, 8 mezes 1000, 4 mezes 500, Brazil 30000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

SUMMARIO

Conferencia. Marquezes d'Angeja—Paula Quaresma. Noticiario.

Secção litteraria

A piedade para com os mortos e o culto da sua memoria.

Vacillações—Alberto Corrêa.

Juizo e educação—R. S.

Hontem e hoje—Alberto d'Oliveira.

Morta—Vidal Oudinot.

Fallas murchas—Adir Agram.

Bohemias—G. de Carvalho.

Melancholia—Vidal Oudinot.

Prognostico—Alberto Rocha.

Tri-lets (na ausencia)—Almeida Pinto.

Horas vagas, Narciso d'Albuquerque.

Folhetins—Makoum e Antonio de Lemos.

ANGEJA, 11 DE MAIO DE 1887

A CONFERENCIA

HA dias realiso o snr. ministro da justiça, conselheiro Francisco Antonio da Veiga Beirão, perante a associação commercial da cidade do Porto, a conferencia que havia annunciado sobre os seus trabalhos de revisão da nova lei commercial.

Foi importante tudo que ahi se passou, revelando este estadista, a par da sua notavel modestia, profundo conhecimento da legislação commercial do nosso paiz e das nações que mais se tem adiantado em estudos d'esta natureza.

O codigo commercial por que ainda na actualidade nos regemos tem a data de 1833 e desde essa epocha até ao estado actual tem-se operado uma transformação completa no viver das modernas sociedades

e nas suas necessidades commerciaes e industriaes.

O que n'aquella epocha era bom e considerado util aos interesses do commercio, só serve hoje para entorpecer e embaraçar as relações commerciaes, que entre todos os estados representam necessidade de 1.ª ordem.

Foi por estes motivos e outros que desenvolvem aquelle estadista, na sua conferencia, que elle emprehenden dotar o paiz com uma nova lei que, attendendo ao commercio interno e externo, venha regular as novas necessidades que o tempo e o progresso tem trazido para as actuaes sociedades.

Fez s. ex.ª o elogio do finado Ferreira Borges e da sua obra, mas disse que essa obra tinha feito o seu tempo e que o proprio Ferreira Borges, seria hoje o primeiro a reconhecer a necessidade de ser reformada aquella lei.

Historiou ainda os trabalhos preliminares que precederam o projecto que vinha apresentar á associação commercial do Porto e que já tinha apresentado ás associações dos advogados e commercial de Lisboa.

Mostrou em seguida como todas estas corporações teem trabalhado para tornar a lei, que vae ser apresentada no parlamento, perfeita e completa.

Do que n'essa occasião disse pode concluir-se que este projecto já conhecido do paiz, tem antes de ser convertido em lei, o respeito e a veneração publica, porque, representando a satisfação d'uma grande necessidade, consubstancia os melhores principios da jurisprudencia commercial.

Se estes processos podessem ser seguidos em todas as nossas leis e se todos os ministros, que teem ge-

rido a pasta da justiça tivessem a ver, essa comprehensão dos seus deveres, como tem o actual, por certo que a nossa legislação fiscal, civil e commercial não estaria cheia de tantas antinomias e contradicções.

Felicitando o nobre ministro pelo seu actual estudo e notavel dedicacão pela causa publica, felicitamos tambem o paiz pela nova lei commercial, que em breve vai ser discutida no parlamento.

MARQUEZES D'ANGEJA

D. João de Noronha Camões d'Albuquerque Souza Moniz, 6.º Marquez d'Angeja, nasceu a 26 d'abril de 1788, sendo filho do 4.º marquez d'Angeja, que acompanhou D. João 6.º para o Brazil, e ahi chegou ao elevado posto de marechal do exercito. Pelo fallecimento de seu irmão mais velho D. Pedro, herdou os titulos e honras de seus antepassados.

Ficando em Portugal quando seu pae foi para America, tomou parte na guerra da península, assistiu ás batalhas do Bussaco e Albufera, e esteve presente nos sitios de Ciudad Rodrigo e Badajoz.

Promovido ao generalato antes do fim da luta, foi em 1826 encarregado do governo das armas do reino do Algarve, e depois transferido para identico cargo na provincia do Minho, situação em que se achava em 1826, quando teve lugar a revolta absolutista.

Depois de combater as guerrilhas em Traz-os-Montes, conseguiu reunir-se na Liça com o Conde de Villa-Flôr.

praia da Granja, frequentada pela nossa mais alta aristocracia, praia que deu o nome a um partido actualmente muito importante na politica; mais abaixo alcança-se Espinho que apparece sob um aspecto esbranquiçado, areento, praia amena e de passeios agradaveis, que tanto deve em vida e animação ás gentilissimas filhas do reino visinho; para diante só se avista a superficie do oceano que parece interminavel; para o norte perde-se a vista por campos orlados de uma grande faixa verde-escura de pinheiraes...

E' uma paisagem soberba, a que eu não sei dar o colorido das tintas. Colhendo conchas e flores, admirando as bellezas da terra e do mar, assim fomos seguindo para o Castello do Queijo onde chegamos pelas cinco horas.

E' um castello d'uma construcção antiga e simples, similhando pela forma um queijo, mas queijo colossal que deveria ter dado que fazer em outros tempos a mais de um regimento!

Sentado junto da minha prima na relva crestada e quasi secca do calor, influenciado não sei por que

Na ponte do prado, e na ponte da Barca derroton as forças realistas em Fevereiro de 1827, e poucos mezes depois, a 23 de Junho d'esse anno falleceu, não o deixando assim a morte continuar a servir a causa da liberdade, que tão ardentemente abraçava.

FIM.

Resta-nos agora fallar d'Angeja, para assim cumprimos o que promettemos no n.º 2.º d'este jornal e pôr a claro certos pontos em respeito á Angeja, que julgamos menos leaes, e que de certo forão dados com o unico fim de ridicularisar esta terra que tanto despeito causa a seus inimigos.

O 1.º Pinheiro Chagas foi com certeza mal informado.

Paulo Quaresma.

NOTICIARIO

Julio Cesar Coelho da Fonseca. — Vae ter lugar no dia 47 do corrente, no tribunal criminal da cidade do Porto, o julgamento do snr. Julio Cesar Coelho da Fonseca, accusado de homicidio frustrado.

Em virtude das circumstancias que revestiram este facto, a imprensa já se encarregou de patentear que o snr. Julio Cesar Coelho da Fonseca não é um criminoso que tem vivido no carcere da Relação, mas sim uma victima das intrigas d'uma mulher de procedimento suspeito, que não podendo fazer valer um capricho louco, teve o mau gosto de conspirar contra a liberdade d'um cava-

FOLHETIM

DIVERSÕES

(Continuado do n.º 9)

—Ora a minha vida!... E en com tanto que fazer esta tarde, tornou-me tio. Além de que os snrs. drs. não são muito de opinião que se deva dormir logo depois de jantar; que te parece, Ernesto?

—Parece-me que recostar-se a gente n'uma cadeira depois de jantar e dormir á fresca coisa de uma hora, não só não ha de fazer muito mal a qualquer, como não acho que seja um desacato imperdoavel á observancia dos preceitos da hygiene.

Tranquillizei com isto meu tio que em questões de saude é o que eu tenho visto. Em tendo qualquer encommodo—uma constipação—por ex.—mette-se logo na cama, manda chamar immediatamente o dr. da sua confiança e, se lhe sobrevem al-

guma febre, começa logo a delinear o funeral, a determinar as suas ultimas vontades...

«As ultimas vontades d'um morto» tem elle chegado a dizer na força de uma d'ssas crises de imaginação desregrada, porque, em se sentindo doente, considera-se *homem morto*. No entretanto minha prima apparecia de novo na varanda e perguntava-me se não iriamos dar n'aquella tarde o nosso passeio do costume.

—Porque não, Marianninha, se o tio pos der licença? respondi.

—Onde tencionaes ir? perguntou o tio.

—Ao Castello do Queijo, papá—atalhou a filha; quer-nos acompanhar?

—Hoje não posso; mas vão, vão e não se demorem até tarde.

Despedimo-nos do tio e em breve nos achamos na estrada que leva a Mathosinhos e a Laça da Palmeira sempre á beira do mar.

E' um passeio lindissimo, este.

Alarga-se a vista pelo ceu e pelo mar até se deter na curva longinqua do horisonte; seguindo a costa recortada depara-se com a encantadora

força occulta que me dominava, fascinado mais que nunca pela formula da prima Marianna, que tinha no olhar suave um vago de mysticismo e luz que me illuminava o coração, eu estive por mais d'uma vez a deixar escapar uma palavra que mudaria um pouco a minha situação em relação á prima. Fui notando os rebates do meu coração e em breve conclui que a amava.

Atrapalhado como naturalmente fiquei por esta minha repentina mudança, eu não sei dizer o que me aconteceu quando minha prima, que estivera até então absorvida em profundas cogitações, me disse:

—Como a gente aqui se acha bem! Como é fresca a viração, manso o mar, seductora a paisagem! Dois amantes que nunca se tivessem fallado de amor deveriam escolher este lugar, não te parece, Ernesto?

—Parece, parece, minha querida prima; este lugar é realmente muito bonito e dois amantes dever-o-hiam escolher para fallar d'amor pela vez primeira. Mas não queres que falle agora do coral?

(Continúa).

Makoum.

lheiro, privando uma familia inteira do seu chefe!

Se alguma censura cabe ao snr. Julio da Fonseca, é de se deixar possuir por uma tão forte paixão, que n'um momento de indubrio, o transtornou a ponto de tentar pôr termo á sua propria vida! E a referida mulher aproveitando—esse facto, filho de transtorno mental em que se achava o infeliz, pretendem fazel-o passar como sendo uma tentativa contra a vida d'ella!

O suposto criminoso tem sua esposa ha tres mezes gravemente doente e a pedir pão quatro creanças, a mais velha das quaes conta apenas nove annos! Essa infeliz doente foi ante-hontem sacramentada e foi declarado pelos medizos que a salvação de sua vida era impossivel. Essas quatro desditosas creancinhas, que hoje ainda veem sua mãe embora meio-moribunda, e seu pae nos carceres da Relação, achar-se-hão amanhã envolvidas pela escuridão da orfandade de mãe e privadas tambem da protecção de seu pae, se a fatalidade ou a desatencção o atirar para as costas d'Africa.

Que quadro contrastante esse que dilaceraria os corações mais duros.

E é a lembrança d'este espectáculo dolorosissimo, que, segundo nos consta, pretende conspirar contra o estado normal dos sentidos do encarcerado.

Já nos primeiros mezes de prisão, em virtude de seu viver incomunicavel e estado aprehensivo, o seu transtorno mental causou serios receios aos empregados da Relação e a sua familia. E, se tudo isto ainda não basta, a analyse de todas as circumstancias que se deram, o confronto do procedimento d'esse infeliz e o da sua seductora, a sympathia e compaixão, que o snr. Fonseca tem inspirado a todos que o conhecem, mostram de que lado está a justiça.

E' para esta scena que vimos desenrolando, que chamamos a attenção dos snrs. jurados e do snr. Bento José da Silva Lima, meretissimo juiz do 1.º districto criminal.

Confiamos plenamente na justiça por vezes comprovada e no bom coração do snr. juiz e jurados, mas ás vezes, a omissão de qualquer circumstancia, a introdução d'outras pode influir muito no resultado.

Que o snr. Julio da Fonseca não é um criminoso parece querel-o comprovar o honroso procedimento de todos os empregados da estação de Campanhã, a principiar pelos superiores aonde o snr. J. da Fonseca era solícito e distincto empregado.

Uma subscrição tirada em todas as estações do Minho e Douro, cujo proveito foi offerecido ao snr. Fonseca, em beneficio realzado no Principe Real promovido pelos snrs. Justino Teixeira, director dos Caminhos de ferro do Minho, e Douro, Lima Ferreira e Souza Brandão, a publicação d'um jornal intitulado «Caridade» que foi vendido na noite do espectáculo pelos filhinhos do infeliz, tudo isto constitue um signal de compaixão publica para com o snr. J. Fonseca.

Uma condemnação quando justa é sempre uma correccção e uma satisfação para a sociedade; mas nas condições referidas, é mais que um erro, é um prejuizo social pelas consequencias que traz e exemplo que fornece.

Candidatos.—Consta-nos e é quasi assente que sairá deputado nas proximas eleições por Anadia na vaga deixada pelo snr. ministro do reino, o nosso amigo snr. Francisco d'Almeida Brito. A escolha é a nosso vêr tão bem cabida, que não nos cançamos de a applaudir.

Regresso.—Chegou ha dias da sua excursão recreativa pelo reino visinho o nosso sympathico amigo Firmino d'Almeida Brito. Este cavalheiro, que se demorou por Hespanha todo o mez passado, veio encantado de Madrid, Barcelona, Alicante e outras cidades que visitou. Confessamos francamente ter uma invejazita ao nosso amigo por não o termos podido acompanhar ao paiz do salero e da castanhola.

Uns verdadeiros mascarás, e se não vejam a descripção das opas e mais accessorios que cada um traz.

Uma tunica de cor variada, segundo a confraria. Uma capa com uma cauda talvez de seis metros, arastam pelo chão como uma esteira, da mesma cor que a tunica, ou diferente. Na cabeça um carapuço preto muito alto e muito bicudo, fazendo lembrar um cartucho de assucar, com um panno que cae, na frente até meio do peito, tapando-lhe a cara, á flor dos olhos, dous borcos por onde veem cá para fora.

Todas as confrarias trazem bordado na manga esquerda o emblema da confraria, e á frente de cada uma d'ellas vem sempre um estandarte muito mais pequeno do que os das nossas procissões em que se lê as iniciaes—S. P. Q. R.

Ha vestimentos riquissimos. Um d'elles era todo de velludo preto com o emblema bordado a ouro. Um dos confrades disse-me que cada traje d'aquelles custava 50 duros (45\$000 reis).

Uma cousa porém que dá a estas festas um tom caricato é nem mais nem menos que a chamada—Guarda romana.

Uns vinte figurões, vestidos á romana com umas tangas e um capote de folheta, marchando muito compassadamente com as suas adagas e as suas massas ao som metálico e cru de quatro tronbetas tocadas por uns outros guardas romanos.

Muito mais se poderia dizer d'isto,

Parabens.—Fez hontem exame de instrucção primaria no lyceu central do Porto, a interessantissima filha do ex.^{mo} snr. dr. Augusto de Castro, a snr.^a D. Maria do Carmo de Castro Sampaio. Esta muito intelligente menina fez um exame dos mais distinctos que este anno tem havido no lyceu do Porto. A snr.^a D. Maria do Carmo de Castro Sampaio por meio d'uma exposição clara e prompta apresentava uma grande abundancia de conhecimentos, sobre todas as materias, respondendo sempre com precisão e rapidez a todas as perguntas. Esta intelligentissima menina é extremamente dedicada aos estudos, parecendo isto mesmo improprio das suas dez primaveras ainda incompletas.

Possue já bastantes conhecimentos de geographia geral, de francez, de piano e todos os principios que constituem a base d'uma educação moderna aprimorada.

Aos seus extremosos paes as nossas cordeaes e respeitosas felicitações.

Melhoras.—Acha-se em restabelecimento d'uma grave enfermidade em sua casa de Sôza a interessante filhinha mais nova do mui digno presidente do Tribunal Administrativo de Aveiro o ex.^{mo} snr. dr. Francisco Faustino Pereira de Rezende e Brito. A s. ex.^a e sua ex.^{ma} familia enviamos os nossos sincerros parabens.

Parabens.—Felicitemos cordealmente o nosso querido amigo Sebastião Corrêa da Costa, dignissimo guarda-livros da secretaria das cadeias da Relação do Porto, actualmente director interino do referido estabelecimento, pelo brilhante exame de solicitador, que fez no tribunal civil da cidade do Porto.

O jury do exame compoz-se do ex.^{mo} snr. dr. Henrique Pinto, presidente; delegado da 3.^a vara criminal, barão de Paçõ Vieira (Alfredo); advogado dr. Sousa Couto, escrivão snr. Joaquim Rodrigues da Fonseca e so-

mas para isso necessitava de muito socego e muito tempo coisas de que n'este momento não posso dispôr.

Limitar-me-hei agora a contar mais o que vi na praça de touros e fazer uns leves commentarios ás festas, ás corridas, aos hespanhoes e a nós outros portuguezes.

A corrida de touros está narrada escrevendo simplesmente esta palavra—Barbarismo—

Nada mais nem nada menos que presenciar o repugnantissimo espectáculo de vêr estripar uns dez ou doze cavallos pelas pontas afiadas d'uns bois, e o morrer a golpes de espada 6 touros.

O publico hespanhol applaude entusiasticamente com palmas e bravos este repugnante espectáculo digno de barbaria.

Agora as leves considerações. Porque será que nós outros portuguezes não havemos de chamar a nós os estrangeiros, como n'esta occasião fazem os sevilhanos, que chamam a si os povos mais distantes com estas festas por occasião da Semana Santa?

Porque não havemos nós de pôr na rua as imponentes procissões do Carmo, da Trindade, de S. Francisco, com todo o seu cortejo de andores e de irmãos?

Não as pomos na rua, porque não sabemos especular, porque não nos sabemos aproveitar das riquezas que temos dentro de casa.

Nada melhor para chamar forasteiros do que reclames pomposos.

licitador o snr. Antonio José Pereira Osorio.

Regresso.—Regressou ao Porto vindo d'Angeja onde esteve dois dias o digno procurador regio da Relação, ex.^{mo} dr. Augusto de Castro e sua ex.^{ma} esposa.

Snas ex.^{as} durante a curta estada alli foram procuradas por um grande numero de pessoas, tanto d'Angeja como de todo o concelho.

Nomeação.—Foi nomeado interinamente, ministro da marinha, o snr. Barros Gomes.

Romaria da Senhora da Hora.—Por motivo da popular romaria da Senhora da Hora, que se verifica na proxima quinta-feira 19 de maio no Porto, a Companhia do Caminho de Ferro do Porto á Pova e Famação estabelecerá para alli um serviço especial com bilhetes de ida e volta a preços reduzidos. Os preços são: em 1.^a classe, 120 reis; em 2.^a classe, 80 reis.

Duello.—Os snrs. Castello Branco e Bivar escolheram a espada para o duello, que se realisa hoje.

Exposição de rosas.—Realisa-se no domingo, no Palacio de Crystal, a exposição de rosas. Dizem-nos que é grande o numero de concorrentes ainadores.

Processo.—O snr. deputado Castello Branco está sendo processado militarmente.

Partida.—Partiu hoje para Madrid o snr. Casal Ribeiro, nosso ministro n'aquella côrte.

Compra de vinhos.—Esteve estes dias em Torres Vedras, um representante d'uma casa franceza, para comprar 12:000 pipas de vinho.

Infante D. Augusto.—Consta em Evora que o snr. Infante D. Augusto vai alli, inspecionar o regimento de cavallaria.

Não era necessario que nós fizemos corridas de touros, nem eu lembro isso, por que acho simplesmente estúpido o tal divertimento, chego mesmo a pasmar como é que Hespanha, um povo que está muito mais desenvolvido que nós, supporte e applauda entusiasticamente este espectáculo nojentto, que nos faz lembrar os antigos circos romanos em que os christãos eram lançados ás feras e delacerados por ellas.

Não, eu não queria isso: o que queria era que Portugal se posesse ao pé das nações mais civilizadas da Europa e arranjasse o maior numero possivel de fontes de riqueza.

Ahi tem uma, se a quizerem aproveitar, estou certo que hade dar muito resultado.

E para terminar consintam que lhes diga uma cousa.

Antes de eu partir todos me chamavam feliz em vir para a terra das mulheres formosas.

Chegavam mesmo a descrever-m'as de tal fórma ideaes que não podiam ser mais que visões!

Iludi-me um momento, e a desillusão foi grande.

Ha innegavelmente mulheres bonitas, mas ahi tambem as ha, e tão bonitas ahi as temos, que não pude achar ainda aqui alguma que se podesse comparar a uma que eu conheço.

Sevilha.

FOLHETIM

DE SEVILHA

(Continuado do n.º 9)

Se não teem um acompanhamento luzidio de irmãos de cabello frizado e bigode retorcido, todos almiscarados e todos pretenciosos, botando o luzio para as janellas com ares pimponescos de conquistadores baratos, ha, para os substituir o brilhantismo e riqueza dos andores.

Ha-os tão ricos que alguns valem centenas de contos de reis.

Um me lembra eu de vêr tão grande, que tinha sobre o tablado 12 figuras em tamanho natural, representando o Christo, no Calvario, entre os dous ladrões.

Para o conduzir eram necessarios 48 homens.

Um outro, o da Senhora das Dóres era imponente:—o manto da Senhora custara 47 contos de reis e foi dado por Izabel a Catholica. As joias que a mesma Senhora das Dóres levava valiam mais de 50 contos de reis, e pertencem á confraria.

Já veem, pela amostra que lhes dou, que as procissões são riquissimas.

Emquanto ás confrarias, essas é que a respeito de irmãos, muito poucos e esses com as caras tapadas.

SECÇÃO LITTERARIA

A piedade para com os mortos, e o culto da sua memoria

*Não deve reccar-se a morte. É uma transição insensível d'um para outro estado.
O prazer de morrer. Impressões dos moribundos.
A exaltação das faculdades intellectuaes no momento da morte.
O chamado canto do cisne.*

[Continuado do n.º 9]

Buffon, em uma passagem do seu capitulo sobre o *homem* (Historia natural—da velhice e da morte—tomo 2.º, pag. 579), exprimiu perfeitamente esta diminuição successiva da sensibilidade, que deve tomar quasi inapreciavel o instante da transição da vida á morte.

«A morte, diz elle, esta mudança de estado tão assignalada, tão tímida, não é na natureza senão a ultima gradação d'um estado precedente. A successão necessaria da deterioração do nosso corpo importa este grau, como todos os que antecederam. Começa a vida a extinguir-se muito antes de extinguir-se completamente, e de facto vai talvez mais da caducidade á mocidade que da decrepitude á morte, pois que não deve aqui considerar-se a vida como cousa absoluta, senão como uma quantidade susceptivel de augmento ou diminuição.

«Porque pois reccar a morte! Porque temer este instante, se é preparado por uma infinidade de outros instantes da mesma ordem, se a morte é tão natural como a vida, se ambas nos veem do mesmo modo, sem que o sintamos, sem que o possamos aperceber? Interroguem os medicos e os ministros da igreja acostumados a observarem os actos dos moribundos e a recolherem os seus derradeiros sentimentos, e elles convirão que, excepto n'um pequeno numero de doenças agudas, em que a agitação produzida por movimentos convulsivos parece indicar os soffrimentos do enfermo, em todas as outras se morre tranquillamente, docemente, e sem dor. A maior parte dos homens morrem sem o saberem, e do pequeno numero dos que conservam discernimento até ao ultimo suspiro, nem um que ao mesmo tempo não conserve esperanza...

A morte não é pois cousa tão terrivel como nós imaginavamos. É um espectro que nos espanta a uma certa distancia, e que desapareceu quando d'ella nos approximavamos muito de perto.

Barthez foi muito mais longe que Buffon, o celebre chanceller da Universidade de Montpellier, em seus *Novos Elementos de sciencia do homem*, depois de explicar como no agonizante, sendo a sensibilidade mui diminuida, deve a dor phisica ou moral ser quasi nulla no momento da morte, vai até á pretensão de que em certos casos o homem experimenta um certo prazer em morrer.

Podemos acrescentar aos factos que elle cita, os que lemos em varios tractados de medicina legal publicados em nossos dias.

É bem conhecido que a morte por meio da forca é acompanhada d'uma sensação voluptuosa. Não querendo amedrontar ouvidos castos, reportamo-nos ao *Tratado de medicina legal* de Devergie (t. 3.º), para sermos edificadas a este respeito. O phenomeno a que alludimos é por tal maneira certo que Devergie o eleva á classe de symptoma para o me-

dico-legista e para o perito, nos casos de morte por suspensão.

Tem-se explicado o facto pela acção da corda que, comprimindo a nuca e por ahi o cerebello, provocaria o phenomeno de que se tracta. Respondemos que a asphyxia pelos gazes mephiticos, e particularmente a asphyxia pelo carvão, na qual não pode ser invocada a compressão da nuca é acompanhada algumas vezes d'um sentimento de bem-estar e até de prazer. Já lemos, na citação da obra de Barthez, o facto referido na *Chimica* de Baumé, relativo a um envenenamento por um gaz mephitico, que fora acompanhado d'um sentimento voluptuoso. A asphyxia pelo vapor de carvão parece, o mais das vezes, ser isenta de toda a dor, e não consistir senão em um desmaio gradual, com abolição total da sensibilidade.

Tal é a opinião da maior parte dos medicos-legistas. Devergie faz ainda notar (para combater a opinião contraria) que os corpos da maior parte das pessoas que se encontram asphyxiadas pelo vapor de carvão, estão em posições de perfeito repouso, as quaes indicam que nenhum movimento extraordinario agitara seus ultimos instantes; sua phisionomia, calma e tranquilla, revela egualmente uma morte exempta de soffrimentos.

O facto seguinte confirma a opinião geral sobre a pouca dor que resulta da asphyxia pelos gazes emanados do carvão em combustão.

Uma artista dramatica de Paris, Madame R., tinha o habito de preparar o seu almoço n'uma pequena cosinha sem chaminé, provida somente d'um postigo, que ella tinha a precaução de abrir quando accendia a pequena fornalha. Durante os frios excessivos de dezembro de 1871, julgou dever fechar esta abertura sem attentar no perigo de asphyxia a que se expunha.

O acontecimento não deixou de produzir-se; o pequeno retiro, em breve cheio de gazes mephiticos, tornou-se irrespiravel e Madame R., sentiu-se, sem comprehender a causa, invadida d'uma somnolencia, de um torpor, em seguida d'um desmaio completo, que não era senão o resultado da asphyxia. Jazera duas ou tres horas n'este estado, não sentindo mais que um bem-estar e uma calma inexprimiveis. Teria morrido, se uma vizinha a quem na vespera emprestara um bule, não houvesse, entrado em casa d'ella, para lhe restituir o objecto emprestado. Achar-a desmaiada e semi-morta, a vizinha deu-se pressa em arrancala d'este logar perigoso.

Cousa singular, e que parece provar que o soffrimento phisico é peculiar da vida, e a calma moral propria dos paroxysmos da morte. M^{me} R., que não sentira senão impressões agradaveis no momento em que era prestes a expirar, foi invadida de um profundo mau estar, eis que voltou á vida. Algumas horas depois era affectada de vomitos, de cainbras de estomago, de quebrantamento de membros: estado que persistiu varios dias, e contractava com a absoluta ausencia de dor, que caracterisava o monumento da intoxicação.

A asphyxia por submersão parece egualmente acompanhar-se de sensações agradaveis. To-las as obras de phisiologia referem o facto daquelle gentil homem inglez que, no momento de perecer afogado, foi arrancado a uma morte imminente por um seu amigo. O nosso gentil homem jamais perdoou a este amigo tel-o tirado da agua no momento em que experimentava, pelo facto da morte,

prazeres os mais deliciosos. Assegura-se que não podia tornar a ver o malfadado salvador, sem estremecer de colera.

(Trad.)

(Continúa).

VACILAÇÕES

Bemdito seja Deus! Sonhei, Maria, que te via a meu lado e que te ouvia o som da meiga voz!... Foi Deus que teve pena da tortura que esmaga desde a infancia o pobre cura com um cynismo atroz.

E disse-me: "Infeliz, sonha com ella, E eu vi-te apparecer tão meiga e bella que louco ajoelhei! E sorriste e fallaste! E eu venturoso esqueci o passado tenebroso, e, de feliz, chorei!..."

Eu não vestia assim de negro e triste... Vestia d'outra forma, e tu sorriste e disseste-me então: "Aquella escura veste que envergava, era tyranna e má; não me deixava notar-lhe o coração!"

"Agora sim, que o vejo e livremente já me é dado affirmar que vive e sente, e que adora e que é meu! Já não lhe tenho medo como d'antes!... E eu, tão infeliz n'esses instantes julguei que via o céu!"

E tu continuavas: "Paulo, é certo que vive n'este mundo, ermo, deserto de lar, de pae, de mãe? Olha, reuna em mim o amor perfeitto que deve arrecadar dentro do peito e dê-m'o e a mais ninguem?"

"E quando alguma vez sentir cansaço encoste a sua fronte ao meu regaço e durma sem temor; que eu velarei por si, e no entretanto irei pedindo a Deus que dure o encanto do nosso immenso amor!..."

E de repente alguém veio buscar-te; tu disseste-me "adeus", e eu vi levar-te... e depois despertei!... D'este sonho feliz de, tal ventura, não sei porque acordaste o pobre cura, Senhor, não sei, não sei!..."

Foz do Douro.

Alberto Corrêa.

JUIZO E EDUCAÇÃO

(Continuado do n.º 9)

Desde que vossas filhas comprehendam o que são, e estejam preparadas para o que vierem a ser, resta-vos ainda uma segunda parte. Sabeis que as segundas partes costumam ser difficeis. Educadas como jovens, tendes de educal-as como esposas. Sabeis porque via? Muita

discripção: deveis ser o primeiro noivo de vossas filhas.

Que distingam o ouro do ouro-pel. Não confiem nos homens absolutamente máos, nem absolutamente bons.

Cada uma conserve-se dentro da sua esphera, que se não deixe seduzir por apparencias brilhantes.

Ha jovens de instrucção selecta, mas dotados de uma alma perversa. Outros de instrucção mais diminuta, tem uma alma muito apreciavel. Porque um jovem pareça rico, monte a cavallo, dance bem, toque em dois ou tres instrumentos, cante, desenhe e vista com elegancia, não é uma conveniencia.

Póde ser mal intencionado, estar arruinado, ou arruinar-se a qualquer hora por uma aposta.

É geral as mulheres apaixonarem-se pelas exterioridades sympathicas.

No primeiro namorado só olham a figura, os grandes uniformes e aparato, como se o traje recommendasse o individuo.

Ha certas meninas que querem noivos illusorios, impalpaveis e abstractos.

Esses tipos de amantes sublimes e cavalleiros andantes do seculo 19, desenhados nos modernos livros de cavallaria, trazem perturbadas algumas cabeças femininas. Porém estes amores não são amores, mas caprichos. Caprichos dos olhos. Efeitos de visualidade. E querer com os olhos, é encarecer a vaidade, mas não é querer.

Todavia, nunca é bom começar mal, ainda que saiba ser correspondida, porque no fogo do amor começa-se gracejando e não se sabe se o termo será deveras.

A maioria dos rapazes, chegam ao ponto de se tornar extremamente ridiculos.

Esses nescios, que passam melodia ao toucador, combinam-se com uma bailarina, remetem ao alfaiate uma roupa vinte vezes, só porque lhe apparece uma dobra e gastam uma boa parcella de tempo a tirar as manchas da cutis, só servem para um armario.

Se a isto acrescentarmos que elles se jactam de ser o terror dos maridos e o martyrio das donzellas, facil é fazer comprehender a vossas filhas quão dignos são do seu despreso.

O mesmo para com os elegantes, isto é, com esses bobecos a que o mundo chama elegantes, porque usam muito boa roupa e bem feita, como se a elegancia possesse fazer-se e muito menos comprar-se.

Mulher que se enamora d'um elegante, não se decide pelo individuo, mas pelo adorno.

Calcule-se o que se vê por fóra, e aprecie-se.

O que está por dentro é um manequim que nada vale. E já vedes que o valor d'um homem não se mede pela figura do seu levita.

D'este calculo mercantil das mulheres não tem ellas culpa, mas esses mesmos elegantes, que fazem um idolo da sua pessoa.

Homens que cuidam muito da sua figura, nada cuidam da sua intelligencia. E já se sabe que a intelligencia pode dar de comer; porém a figura d'um homem não é nenhum anzol de comestiveis.

Que fujam tambem dos amores sentimentaes e da praga do romantismo como de enfermidade contagiosa.

Romance de amor, é embuste soberano!

Ha poeta que faria cinco epopeas aos olhos de uma dama, sem nunca os ter visto.

A eloquencia do amor é uma

mentira. Os verdadeiros poetas não podem fallar em verso quando amam de veras.

A linguagem do carinho excede a das formas.

E' torrente que tão depressa sae em borbotões como se detem, e não acerta em articular uma phrase.

O amor falla sempre em prosa, porque o coração não sabe medir as syllabas.

(Trad.) R. S.

Hontem e hoje

(a Joaquim de Lemos)

Outr'ora Christo, o pensador sublime no Calvario morreu crucificado; como se houvesse commettido um crime, em ter nas trevas branca luz jorrado.

Depois a Igreja, assim como o judeu, fez torturar os Christos do saber, os Christos da verdade. Galileu vinha tambem a escuridão varrer.

Porto. Alberto d'Oliveira.

MORTALII...

(a Leão Martins)

Eu sinto-me, inda hoje muito triste, Quando recorde aquelle seu olhar, Feito fia luz serena da amethiste, A reflectir no pranto do luar...

E nunca mais pulsou este meu peito, Um momento sequer depois da morte D'aquelle anjo purissimo, desfeito Pelos impulsos bestiaes da sorte!...

E ao pé da sua fria sepultura, Em noites de luar sereno e branco, Eu sonho que esses soes tem a doçura Do seu olhar serenamente franco...

Eu penso em tanta coisa!.. Eu até penso Que aquelle corpo esbelto, immaculado, Nas estrellas do ceu está suspenso, Como um montão d'arminho, esbranquiçado...

Mas não passa d'um sonho... e muito triste, Quando recorde aquelle seu olhar, Feito da luz serena da amethiste, A reflectir no pranto do luar...

Porto—1887. Vidal Oudinot.

FALLAS MURCHAS

O Carlos tinha o presentimento de que lhe fallaria n'essa noite; evitando-a como costumava, desejava enconral-a agora, mas o seu olhar não iria procurar o d'ella para lhe dizer d'uns pensamentos intimos, baixaria a vista á sua passagem, receioso, de que percebesse a sua alegria, vendo-a...

Ao chegar ao palacete do Barão,

ainda ella não tinha entrado. Esperava-a! E quem lhe tinhadito que ella viria?

Mas era ella que entrava! Vin-a envolta na sua capa branca, n'aquellas rendas finas; ah, conhecia-a bem!

Aquelle ambiente abrazava-o. Foi para uma varanda, a chuva de fóra, fustigando as vidraças, impertinente, apparecia-lhe como um escarneo á sua perturbação indefinida! Teve de voltar para as salas...

Formou-se uma quadilha. Numerosos pares cruzaram o salão magnico, multiplicando-os ainda, as laminas de chrystal, ao longo, nas paredes. A uma das entradas, Carlos, conservava aberto, olhando o carnet, onde um nome escripto confusamente, resaltava da limpidez assetinada do cartão claro. Era o nome d'ella que estava ali; fixando-o recordava a multidão de desgostos que lhe tinha feito soffrer, elle, que desejava dar-lhe a vida por uma palavra amiga, que lhe era agora tão importuna, elle que não curvava ao menor capricho de mulher, sentia o desejo irresistivel de lhe ir pedir perdão, arrependido de a ter fitada um dia... de a amar ainda!

Sentiu o sangue affluir-lhe ao cerebro, estonteando-o!

A orchestra dera no entretanto o ultimo signal.

E agora, a seu lado já, sentindo-a estremecer, parece que o contacto d'aquelle corpo elegante o reanimava, mas teve receio de lhe fallar... A sensitiva fecha ao tocar-se-lhe, a porcellana parte á menor vibração! Se lhe fallasse, o que dissesse devia ser tão sincero, tão ardente como o amor que sentia...

E disse-lhe sómente d'essas palavras vulgares, sem entusiasmos, sem palpitações! Quando a conduziu ao seu logar, se fosse um momento depois, não conteria essa candal de palavras intimas que a muito esforço reprimia.

Enlouquecido, walsou pelo salão n'um estontear doido. Talvez quizesse deixar ali a vida, como deixara o coração!

No fim, quando tudo retirou, ainda foi vel-a sair, ella não o procurou, mas voltando o rosto n'um olhar derradeiro deixara-lhe talvez uma esperança!

Fevereiro—87. Adir Agram.

BOHEMIAS

Nas dobras de um lençol enrodilhado Vi um vintem ao levantar da cama, Ao velo fiquei doido, allucinado, Deitei-lhe ambas as mãos com azafama.

Que riqueza, disse eu, que bello achado, Que luz feita de cobre—cupriflamma Já tenho para um charuto, estou vingado, Quem hoje me encontrar decerto exclama:

Que bohemio, que doido, que *bécarre*, Que alli passa fumando, "safa! arro!", Que alegria que tem aquelle infame!...

E' assim que dirá a humanidade, Enquanto não souber a novidade, Que fiquei reprovado n'um exame.

G. de Carvalho.

MELANCHOLIA

a Francisco Campos

Morrer quizera no teu colo, filha, Allumiado pelo teu olhar, E per mortalha a propria mancenilha, Regada pelo pranto do luar...

Porto—87. Vidal Oudinot.

PROGNOSTICO

(A CUSTODIO GUIMARÃES)

A's vezes, quando medito Na minha vida passada, Vem-me á mente amargurada Um pensamento maldito.

E penso ser o proscripto Vendo uma sina gravada No espaço, como engastada Na escuridão do infinito!...

E n'ella vejo um futuro Como sarcastico e escuro. Sem uma luz por fanal,

Sem uma estrella que o norte Me indique... a não ser a morte Onde descanse afinal!

Porto, 87. Alberto da Rocha.

TRIOLETS

NA AUSENCIA

V

Flor não te esqueças do pranto Que então derramei por ti; Bem sabes que te amo tanto, Flor, não te esqueças do pranto A dor que eu então senti, Augmentou este amor santo; Flor, não te esqueças do pranto Que então derramei por ti.

VI

Ah! quanto custa esta ausencia Minha criança fagueira; Não mates esta existencia Com tão demorada ausencia, Tendo só por companheira A exaustida paciencia. Ah! quanto custa esta ausencia Minha creança fagueira.

A' CHEGADA

VII

Eu vi-te candida flôr, Passeiando em teu jardim Com angelical palôr Eu vi-te candida flôr

Ao pé de lacteo jasmim, Sorrires do meu amor. Eu vi-te candida flôr, Passeiando em teu jardim.

VIII

Longe, tão longe da gente, Não vias tu minha dôr. Talvez vivesses contente Longe, tão longe da gente. Ah! quantas vezes ausente Ao sorrir, minha flôr, Longe, tão longe da gente, Não vias tu minha dôr.

Almeida Pinto.

HORAS VAGAS

CHARADA

A' distincta auctora da poesia Primavera, publicada n.º antecedente

Bem vindã sejas, oh! és a primeira!—2
E essa mesma, cordaceira!—2

O teu sorriso desabrocha as flores, teu bello olhar seduz, as aves soltam seus gorgelos ternos ébrias de vida e luz.

O prado se engrinalda de boninas mimosas. Tem o ar balsamicos perfumes. Tudo vivo, tudo soletra:—amar.

Os seios juvenis palpitam lodos ao teu meigo calor; á tua voz entoa a natureza, um cantico de amor.

LOLOGRIPHO

Ao auctor da poesia Leonor, publicada no n.º antecedente,

o meu amigo Annibal Leão.

Não ha *mulher* mais bonita do que a minha, não senhor, 1, 2, 3, 8, essa *jovent* tão *catita*, 5, 6, 7, 4, por que eu morro d'amor!

Ella, então, é tão ingrata que de mim não quer saber!... Não conhece que me mata este continuo soffrer!...

Porto. Narciso d'Albuquerque.

DECLARAÇÃO DA CHARADA DO N.º ANTECEDENTE:

POEMA.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida á redacção, rua dos Caldeireiros n.º 250—Porto.

PORTO, 1887 — IMPRENSA REAL
43, Praça de Santa Thereza, 45